

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, deleitando-se a cada dia esplendidamente.

Lucas 16:19

Ante a Parábola do Rico

Não suponhas que o rico da parábola seja a única espécie de mordomo infeliz na vida espiritual.

Ainda hoje há quem se banqueteia no festim da saúde física, menosprezando os enfermos que lhe batem à porta.

Por toda parte, verificamos a luzida assembleia dos que se fartam à mesa da inteligência, olvidando os irmãos de caminho que lhes pedem socorro, mergulhados nas correntes da ignorância.

Em todos os lugares, é possível observar a caravana dos que passam, hipertrofiados de conforto, fugindo aos filhos da angústia que lhes imploram uma

réstea de alegria.

Nas variadas sendas do mundo, somos defrontados pelos que se mostram supernutridos de fé, a menoscar aqueles que lhes suplicam leve migalha de esperança.

Todos somos surpreendidos pelos lázaros da necessidade e da aflição em provas mais ríspidas que as nossas.

Todos identificamos, junto do próprio coração, bafejado de conhecimento superior, companheiros infortunados que se enriqueceriam com mínimos gestos nossos, no setor da bondade e do estímulo, do entendimento e do perdão.

Não te detenhas, tão somente, na contemplação do quadro evangélico, em que um pobre sovina encontrou, ao fim da estrada, apenas o azinhavre a que se lhe reduziu o perecível tesouro.

Recordemos nossas oportunidades de semear o bem, reconhecendo no próximo o degrau vivo que nos conferirá o desejado acesso à comunhão com a Providência divina.

Abracemos os penitentes da necessidade e do de-

sânimo, da expiação e do sofrimento, que nos anotam os passos, em todos os ângulos da estrada evolutiva e, oferecendo-lhes o próprio coração, em forma de serviço fraterno, estejamos convencidos de que marcharemos com eles na direção da vida imperecível, para a incorporação definitiva de nossa herança espiritual.

(Tocando o barco. Ed. IDEAL. Cap. “Ante a Parábola do Rico”)

Estudando a riqueza⁵¹

Não é somente o rico da parábola o grande devendor diante da vida.

A fortuna amoedada é, por vezes, simples cárcere.

Há outros avarentos que devemos recordar em nossa viagem para a divina Luz.

Temos, conosco, os usurários da inteligência, que se ocultam nas floridas trincheiras da inércia; os abastados da saúde, que desamparam os aflitos e os doentes; os privilegiados da alegria que cerram a porta aos tristes, isolando-se nos oásis de prazer; os

felizes da fé que procuram a solidão, a pretexto de se preservarem contra o pecado; os filhos da mocidade que menosprezam a velhice; os favorecidos da família terrestre, que olvidam os peregrinos do mundo, sem carinho e sem lar.

Todos esses ricos da experiência comum contraem escabrosos débitos para com a humanidade.

Lembremo-nos de que o Tesouro real da vida está em nosso coração.

Quem não pode dar alguma coisa de si mesmo, na boa vontade, no sorriso fraterno ou na palavra sincera de bondade e encorajamento, debalde estenderá as mãos recheadas de ouro, porque só o amor abre as portas da plenitude espiritual e semeia na Terra a luz da verdadeira caridade, que extingue o mal e dissipa as trevas.

A pobreza é mera ficção.

Todos temos algo.

Todos podemos auxiliar.

Todos podemos servir.

E, consoante a palavra do Mestre, “o maior na

vida será sempre aquele que se fizer o devotado servidor de todos”.

(*Reformador*, jul. 1952, p. 158)

✚ Texto publicado em *Dinheiro*. Ed. IDE. Cap. “Estudando a riqueza”, com pequenas alterações.